

Os Índios da Serra dos Dourados

Estado atual das pesquisas

JOSÉ LOUREIRO FERNANDES

Em 1959 publicamos neste Boletim (no 2, pg. 22—26), por sugestão do Prof. R. Heine-Geldern, uma nota sobre um pequeno grupo indígena no Noroeste do Estado do Paraná, Brasil, com o qual uma expedição do Departamento de Antropologia da Universidade do Paraná entrara em contato em fevereiro de 1956. Nessa nota chamamos a atenção para o fato de tratar-se de um povo fadado a breve desaparecimento, se não se criasse uma reserva florestal abrangendo parte de seu primitivo hábitat, a região chamada Serra dos Dourados, à margem esquerda do baixo Rio Ivaí. A floresta nesta região de solo arenítico, vem sendo rápida e desordenadamente destruída para o plantio de cafezais, o que dá lugar à manifestação de processos de erosão que levam à formação de desertos, conforme prognósticos e advertências que os geólogos têm feito reiteradamente. Por isso, desde 1940 vem sendo recomendada a preservação da ampla área de floresta como única proteção do solo e dos últimos remanescentes da flora e da fauna do Norte do Paraná. Agora que, desde 1956, sabemos ser essa floresta tropical o hábitat de um povo coletor e caçador, que aí conseguiu sobreviver graças ao isolamento em que a região se manteve até há um decênio, temos razões mais ponderáveis para a criação de uma reserva florestal, pois, além da proteção da natureza, pratica-se ato de elementar justiça, defendendo-se o território de um povo indígena, ao qual, aliás, já a própria constituição brasileira assegura a posse da terra habitada.

Este aspecto humano do problema tem, ao lado dos trabalhos científicos, sido objeto das preocupações do Departamento de Antropologia da Universidade do Paraná, que reiteradamente tem, encarecido sua importância junto às autoridades estaduais e federais, atuando, quanto possível, em colaboração com o Serviço de Proteção aos Índios. Também outras instituições científicas, como a União Internacional das Ciências Antropológicas e Etnológicas, a Associação Brasileira de Antropologia, o Congresso Internacional de Americanistas, se têm interessado profundamente por esse aspecto, votando moções dirigidas ao Presidente da República dos Estados Unidos do Brasil e ao Governador do Estado do Paraná, insistindo, inclusive, no dever de levar-se àquele povo a necessária assistência médica e técnica.

Quanto ao estudo científico desse povo, o Departamento de Antropologia da Univ. do Paraná realizou novas expedições à região, ampliando as observações etnológicas e linguísticas.

Em janeiro de 1958 foram observados alguns indivíduos que se haviam es-

tabelecido na Fazenda Santa Rosa. Nessa ocasião colaborou com o Departamento o lingüista Č. Loukotka, que então se achava no Brasil, e que recolheu um vocabulário de cerca de 500 palavras.¹ Em 1959 voltaram membros do Departamento de Antropologia a trabalhar junto a êsses índios estabelecidos na fazenda. Só em 1960 e em 1961, foi possível para os pesquisadores do Departamento permanecer algumas semanas numa aldeia habitada por duas famílias² que constituem os remanescentes de um dos grupos em que, aparentemente, se dividem os índios da Serra dos Dourados. Entretanto, ainda não foi possível entrar em contacto com outro ou outros grupos, que ainda se mantêm arredios, recuados nas partes mais remotas da floresta, evitando aproximação com os civilizados, que destroem as matas e praticam atos de agressão indireta contra êles, como, por exemplo, o disparo de armas de fogo para afugentá-los e a queima de aldeias, na ausência de seus moradores.

Essas várias expedições do Departamento de Antropologia permitiram uma documentação intensiva da cultura material e a coleta de dados para a análise linguística que está sendo elaborada, bem como documentação magnetofônica dos cantos e mitos. O Departamento de Antropologia possui, presentemente, uma coleção de 105 peças de cultura material, que abrange, praticamente, todo o acêrvo ergológico dos índios da Serra dos Dourados; a coleção de gravações magnetofônicas compreende presentemente mais de 40 textos de mitos, lendas e narrações e mais de 100 exemplos de cantos. O documentário cinematográfico feito até agora, de cerca de 5.500 pés de filme colorido, registra uma grande variedade de atividades e de técnicas, inclusive o lascamento e o polimento de instrumentos líticos e a confecção de um cinzel de osso mediante o emprêgo de artefatos de pedra.

Como resultado dos estudos que vão sendo feitos, têm sido publicados alguns trabalhos, nos quais se têm elucidado certos problemas, que a princípio pareciam controversos. Assim R. F. Mansur Guérios, contrariamente ao que de início se inclinara a admitir, conclui que o idioma dos índios da Serra dos Dourados «é uma língua básicamente tupiguarani». ³ Idêntica conclusão é a de Č. Loukotka. ⁴

Outro problema controvertido é o da identificação dos índios da Serra dos Dourados com os índios que, até há cinquenta anos, foran reiteradamente referidos como habitantes do vale do Ivaí e que aparecem na literatura sob vários nomes, o mais conhecido dos quais é *Šetá*, atribuído a êles pelo naturalista A. V. Frič. Dada uma série de analogias entre os índios superficialmente descritos no comêço dêste século e os recém-descobertos habitantes da Serra dos Dourados, admitiu-se logo a possibilidade de êstes serem descendentes daqueles. Esta hipótese pareceu de início confirmada pela palavra *beta*, empregada por um dos índios da Serra dos Dourados, em circunstâncias que podiam permitir interpretá-la como a auto-denominação dêste povo, e que acreditou-se ser uma variante de *šetá*.

Só depois de iniciados os estudos lingüísticos sistemáticos, pelo Prof. A. Dall'Igna Rodrigues isto é, em 1960, é que se verificou que *beta* significa «êles são muitos»

¹ Č. Loukotka, Une tribu indienne peu connue dans l'état brésilien Paraná. Acta Ethnographica Academiae Scientiarum Hungaricae, XI, 1960, 3/4, 329—368.

² Aldeia 18 da planta parcial da Serra dos Dourados.

³ R. F. Mansur Guérios, A posição linguística do Xetá. Letras 10, 1959, 92—113.

⁴ Č. Loukotka, op. cit.

Governo Brasileiro promulgou uma lei criando o Parque Nacional de Guáira, o qual deve incluir a região habitada pelos índios da Serra dos Dourados. A concretização dessa medida protetora depende, entretanto, ainda de providências a serem tomadas pelo Serviço Florestal do Ministério da Agricultura e pelo Serviço de Proteção aos Índios, com o fim de impedir a invasão da área do Parque Nacional e a derrubada das matas, da mesma maneira como vinha acontecendo até agora, em consequência de uma errada política de distribuição de terras na zona arenítica do noroeste do Paraná.